

América Latina mais integrada

Não é possível falar da participação das mulheres na IV Conferência Mundial sem assinalar o que tem sido a intervenção das feministas na preparação e participação destes eventos principalmente a partir dos anos 90. Já são conhecidas de todos as intervenções positivas das mulheres na Eco 92 (Planeta Fêmea Agenda 21 das Mulheres e Tratado sobre População) na Conferência de Direitos Humanos em Viena de 1993 (Tribunal dos Crimes contra as Mulheres) na Conferência sobre População e Desenvolvimento no Cairo 1994 e na Conferência sobre Desenvolvimento Social em Copenhague 1995. É a partir da Eco 92 que uma presença maciça de organizações da sociedade civil entra em cena e revela uma nova forma de interlocução com as esferas oficiais e com a própria opinião pública. Em todos esses eventos as mulheres tiveram um papel importante na agenda internacional.

Em função da IV Conferência Mundial sobre a Mulher convocada pelas Nações Unidas alguns grupos feministas começaram a se reunir ainda em 93 no sudeste do País para avaliar o que havia se passado na última década. Parecia simples. O grande desafio era como envolver grupos e mulheres de todo Brasil no processo pre-Conferência em suma como trasladar Beijing as terras brasileiras.

Em janeiro de 1994 numa reunião realizada no Rio com a presença de representantes de 18 estados estabeleceram-se as bases do que seria a Articulação de Mulheres Brasileiras com uma Secretaria Executiva e um Comitê Nacional composto por uma representante de cada Estado da Federação em sistema de rodízio para cada uma das suas reuniões. Assim Fóruns e Articulações Estaduais constituíram o patamar sobre o qual orquestramos nossas decisões.

Apesar de o movimento feminista ter sempre apresentado reservas quanto as estruturas federativas dados os riscos de hierarquização e em razão do apego aos princípios de horizontalidade a prática até o presente momento desse processo de poder e responsabilidade compartilhada tem sido rica e desafiadora.

Tinhamos apenas três e bem definidos objetivos 1) integrar um ampliado conjunto de grupos de mulheres e ONGs a agenda de debates da IV Conferência das Mulheres que teve como eixo norteador os temas Igualdade Desenvolvimento e Paz 2) utilizar os debates em torno da IV Conferência para o fortalecimento dos grupos de mulheres e desenvolvimento de perspectivas que tratam das relações de gênero 3) produzir um balanço sobre a situação da população feminina na última década sob a ótica das organizações de mulheres e colher subsídios para nossas propostas

Essa mobilização provocou e constituiu Foruns/ Articulações em 25 Estados brasileiros a realização de uma centena de atividades (encontros estaduais seminários temáticos pesquisas etc) e envolveu mais de 800 organizações Na história do movimento de mulheres brasileiras não conheço nenhum outro evento internacional que tenha contado com tamanha mobilização no País Em alguns municípios brasileiros o evento Beijing estimulou a criação de espaços de debates que antes não existiam Pela primeira vez os movimentos de mulheres elaboraram 22 documentos/diagnósticos que mostraram a complexa realidade de desigualdade das mulheres neste país e nos deram a oportunidade de avaliar o estágio de organização do movimento em cada um desses estados elencar as prioridades regionais e propor o desenho de políticas a serem implementadas

O ponto culminante desse processo foi a realização de uma Conferência Nacional (junho 95) com a participação de 700 mulheres que traziam no rosto nas falas e nas propostas o cotidiano marcado pelas desigualdades de classe e pela diversidade - regional racial étnica etária de opção sexual de credo de inserção política Muitas foram as motivações para essa mobilização porém o argumento mais sugestivo e generalizado foi a vontade de dar visibilidade política ao movimento local de mulheres

A IV Conferência Mundial da Mulher foi vivida como pretexto e estratégia para reunir esforços recarregar energias fazer balanços e demonstrar o potencial político de articulação do movimento Nesse processo estiveram presentes grupos de mulheres com marcada orientação feminista ou não ONGs feministas ONGs que têm as mulheres como grupo central de seus trabalhos e outras que não apresentam tal característica grupos de mulheres atuantes em sindicatos associações profissionais e de bairros partidos políticos igrejas centros acadêmicos além de outras organizações da sociedade civil Uma variedade imensa de inserções neste campo que denominamos movimento de mulheres

Para as mulheres brasileiras Beijing significou também uma maior integração com a América Latina

Talvez não seja exagero dizer que a primeira iniciativa nesse sentido tenha sido juntar-se ao movimento que visava garantir a frente da Coordenação Regional das ONGs da América Latina e do Caribe uma representante feminista e comprometida com a problemática das mulheres da Região. Embora pareça detalhe, essa medida visava opor-se ao sistema de indicação das Nações Unidas pouco representativo e não reconhecido pelas ONGs. Cabe dizer que o grau de articulação alcançado na preparação da Conferência pelas mulheres latino-americanas e caribenhas não foi alcançado pelos demais continentes. Participamos organizadamente de todos os eventos preparatórios a IV Conferência, o que nos possibilitou chegar a Beijing com uma série de compromissos acertados com a maioria dos países da Região, como por exemplo o não retrocesso das conquistas alcançadas e acordos aprovados nas conferências anteriores.

Um Fórum com muitos fóruns

O Fórum das Organizações não Governamentais - evento paralelo a Conferência Oficial - programado no início para acontecer na cidade de Beijing, foi transferido de forma autoritária pelo governo chinês, faltando quatro meses para sua realização. O local escolhido foi a pequena cidade de Huairou, que ficava a 80 quilômetros da capital. A tentativa do governo chinês de esvaziar o evento, inclusive com ameaças de proibir a participação de determinados segmentos sociais, como as lésbicas, prostitutas, grupos que trabalham as questões da AIDs e dos direitos humanos, provocou o protesto de mulheres do mundo inteiro, que exigiram a garantia de participação de todas as pessoas inscritas.

Passado o confronto inicial, milhares e milhares de mulheres chegaram a Huairou com um certo pe-atrás que se desfez com a receptividade do povo chinês. O acesso ao espaço do Fórum era totalmente controlado por uma parafernália de equipamentos e seguranças. Havia salas e tendas espalhadas pelos 40 hectares (área três vezes maior que a da Eco 92, no aterro do Flamengo). Quinze dessas tendas estavam reservadas para os continentes, as articulações específicas (jovens indígenas, negras, portadoras de deficiência, lésbicas, refugiadas) e encontros temáticos (paz, cura, etc.).

É importante registrar que cada uma das participantes podia perceber apenas fragmentos de um grande caleidoscópio. O Fórum teve múltiplos cenários impossíveis de abraçar, com uma diversidade de intercâmbios, de reflexões, de painéis, de oficinas, de posturas e eixos temáticos. Eram mais de 30 mil mulheres, 380 atividades diárias, espalhadas por muitos quilômetros.

durante 10 dias. O Fórum foi simultaneamente uma expressão de posições convergentes e divergentes. Exemplos expressivos disso foram o confronto provocado pelas muçulmanas durante uma passeata das lésbicas frente a questão da liberdade sexual, os protestos e as manifestações de apoio a presença de Hilary Clinton e quando na Tenda da América Latina ocorria uma discussão sobre direitos reprodutivos e sexuais, do lado de fora passar uma procissão com a Virgem Maria. Este são belos retratos dos impasses colocados pelo exercício de democracia *versus* os limites ao respeito pela diversidade.

Muitas perguntam qual o sentido do Fórum e sua real influência na Conferência Oficial e na Plataforma de Ação?

Na verdade, a possibilidade de interferência direta das ONGs se dá durante o processo das Prepscons. A proposta do Fórum de ONGs foi dar visibilidade às demandas do movimento internacional das mulheres, possibilitar a troca de experiências e pressionar os governos presentes à Conferência Oficial. Os eventos que ocorrem nesses Fóruns fazem parte de uma agenda própria e não estão necessariamente atrelados aos temas da Plataforma de Ação. Os Fóruns paralelos são antes uma forma de expressão política do que propriamente um mecanismo efetivo de modificação das decisões previamente acordadas.

A presença da América Latina no cenário mundial pode ser destacada em dois momentos: o primeiro foi a Tenda. Um espaço próprio onde mulheres da Região pudessem expressar suas realidades e dar visibilidade às suas demandas. O grande desafio era abrigar e garantir nesse espaço a expressão da pluralidade cultural, étnica e política dos diversos segmentos organizados de mulheres do Continente. Além do mais, foi um lugar de encontro, porque havia muitas mulheres que pela primeira vez participavam de um evento mundial em um espaço gigantesco dominado pelo inglês como idioma. Os lugares com tradução simultânea eram poucos e muitas mulheres que não falavam inglês ficavam marginalizadas. Portanto, para a maioria das latinas, com destaque para as brasileiras, a Tenda foi um desaguardor de expectativas e da necessidade de estar com pessoas identificadas com suas prioridades e com seu próprio idioma.

As atividades previamente programadas para a Tenda foram divididas por temas e a cada dia uma região ou rede ficava responsável pela coordenação dos trabalhos. O tema inaugural levou a uma reflexão política sobre a experiência da diversidade em nosso continente e foi coordenado pela Rede de Mulheres Negras e Indígenas. No segundo dia, a Tenda foi ocupada pelas jovens feministas que promoveram um diálogo intergeracional com as chamadas militantes pre-

historicas Na sequencia diaria estiveram na pauta temas tais como poder e participacao politica paz saude direitos reprodutivos e sexuais e pobreza Este ultimo coordenado pelo Brasil e pela regiao Andina abordou os impactos negativos de programas de ajuste estrutural que recaem sobretudo sobre a vida das mulheres e crianças

Outras iniciativas tais como lançamento de livros mostra de videos musica dança *performance* cultural alem das visitas de delegações oficiais contribuíram para o sucesso da Tenda Tal visibilidade provocou inumeras solicitações de espaço por parte de organismos internacionais redes representantes de outros continentes segmentos etc e conferiu ao final o titulo de Tenda Amiga a Tenda da Diversidade

As brasileiras chegaram em Huaríou vindas de diversos estados do pais com suas muitas caras e expectativas Eramos a maior delegação da America Latina 300 mulheres E como a maioria das delegações nossa participacao no Forum de ONGs aconteceu de maneira fragmentada uma vez que o evento era gigantesco e coube a cada uma priorizar os temas de seu interesse

As brasileiras não estiveram apenas no Forum de ONGs Mais de 40 mulheres representantes de 25 ONGs tambem estavam creditadas para a Conferência Oficial e dedicaram a maior parte do tempo nos trabalhos das comissões tematicas organizadas pelas redes mundiais no acompanhamento das discussões plenarias e nas atividades de *lobby* propriamente dito Alias e bom ressaltar que os governos de um modo geral incluíram um numero significativo de representantes de ONGs em suas delegações oficiais

Muitos temas provocaram polêmica na Conferência Oficial direitos sexuais reprodutivos herança igualitaria racismo etc Quero assinalar aqueles que contribuíram para que as latino-americanas e caribenhas fizessem uma manifestação no espaço da Conferência Um deles foi a questão do desarmamento nuclear na qual os paises desenvolvidos fundamentalmente a União Europeia e os Estados Unidos argumentavam que se negociava uma agenda de gênero e portanto esta não devia incluir temas que estavam em pauta em outras conferências Recusamos esse argumento Obviamente que não vamos negociar e trocar a agenda de gênero por uma outra mas reivindicamos o direito de opinar sobre qualquer tema O mesmo ocorreu com o debate sobre feminização da pobreza e o efeito das politicas de ajuste estrutural para as mulheres a questão dos recursos e quais os compromissos reais dos paises na execução das ações propostas pela Plataforma Alguns governos sustentavam que esse e um problema de vontade

política e que a discriminação das mulheres é um problema cultural. Sabemos que o é. Mas sabemos também que quando padrões culturais que discriminam o gênero feminino se acoplam às diferenças de classe, o impacto sobre as mulheres tem repercussões distintas. Nas últimas conferências, os compromissos concretos para levar adiante os acordos estabelecidos nas Plataformas ou Planos de Ações são cada vez mais, menos compromissos.

Nesse plano, parece-nos que uma primeira tarefa pós-Beijing é listar nossas prioridades e exigir dos governos ações concretas.

Não escapa a nós que, entre o discurso da Plataforma e a realidade de sua aplicação, estão o tema da justiça econômica, os modelos de desenvolvimento e os recursos e mecanismos necessários à sua implementação.

O maior ganho dessa experiência foi ter conseguido influir na elaboração de uma Plataforma de Ação que atenda aos interesses femininos, sem que isso esgote a responsabilidade do movimento internacional de mulheres de continuar lutando por mudanças culturais que signifiquem uma alteração na relação desigual entre os gêneros.

Reflexos da Conferência no Brasil

O mote Beijing também acontece aqui, que foi o tema mobilizador, se revelou em diversas situações. Temos notícias que, durante a Conferência na China, uma série de iniciativas foram tomadas pelos mais diversos setores: professoras propondo redações, seminários, desenhos sobre a condição da mulher a seus alunos; mulheres falando de seus problemas em programas de rádio; grupos de mulheres enviando *releases* para a imprensa. Aumentou em 50% o número de registros de ocorrências nas delegacias de mulheres do Rio. Os principais jornais, revistas e TVs do país deram ampla cobertura ao evento, apesar de nem sempre terem sido fiéis à verdade dos fatos.